

**Ensaio sobre Paineis de Tiradentes<sup>1</sup>***Gustavo Scolfaro*

Os pedaços de corpos se espalham pelo canto direito da tela, gritando uma musculatura morta, destrinchada, empalada na violência explícita de um poder de coerção. O corpo é horror e morte. Poderia ser o corpo de uma pintura de Francis Bacon, retorcido pela violência (outra violência), mas a narrativa histórica grita seu impositivo significado. Ao mesmo tempo, a imagem criada traz um desejo de fantasia, de representações alegóricas, não fosse, novamente, os gritos estéticos da narrativa histórica. Pedaços de corpos pendurados como em um açougue. Resto da carne de um herói. O que poderia ser mais doloroso do que a morte de um herói? O corpo do herói toma lugar na liturgia da morte. Essa liturgia traz o caminho para se reconhecer o sacrifício feio em nome de uma causa. Restos mortais são reverenciados como relíquias desde a antiguidade. Aqui, os pedaços de corpo são depositados como focos do sofrimento de uma nação: a carne de um povo, que se espalha e impacta os olhares e sensibilidades em busca de uma identidade de dor. Outros personagens anônimos parecem olhar apenas com pesar. Pesar do olhar externo, que não consegue desgrudar dos fragmentos de corpo espalhados do centro ao lado direito do painel e, ao mesmo tempo, escapam em comentários genéricos, como a imensa dimensão do painel, que de fato impressiona, ou o estilo modernista.

Este primeiro impacto da imagem resta como elemento mais forte da visita feita com alunos de 8º Anos do ensino fundamental. Não sei como a imagem pode ter tocado cada um deles, mas os

---

<sup>1</sup> Painel Tiradentes, de Cândido Portinari. 3 telas justapostas lateralmente, atualmente exposta no Salão de Atos Tiradentes, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

comentários generalizados sobre os pedaços de corpos e as perguntas sobre a realidade da atrocidade e se havia acontecido são um exemplo de como a imagem afeta violentamente aos alunos.

Imagens, sejam elas do cinema, da fotografia, da pintura, que atravessam a escola, em grande parte do tempo, muitas vezes, são negligenciadas em sua potência de gerar sentidos múltiplos e gerar novos pensamentos e aprendizagens, encharcadas de sentidos e fluxos imanentes. Em partes, essas imagens são usadas como ilustração de conhecimento, como representação de um pensamento. Largamente utilizadas como coadjuvantes de textos em livros didáticos, as imagens não possuem o mesmo status educativo da língua escrita. Um outro momento, no qual a escola traz as imagens para junto dos alunos, está relacionado à releitura, quando os alunos transformam obras de arte em uma outra produção, esteticamente muito semelhante a outras produções realizadas no interior da escola. Raramente as imagens entram no ambiente escolar sem que sejam moldadas ou modificadas com o propósito de educar. Raramente as imagens contaminam a escola com sua potência bruta, como arte, como experiência de afecção.

Mesmo que formalmente discretas no interior da escola não há imaginário de aluno que não tenha inúmeras imagens do universo artístico pairando como fantasmas de alegorias sobre determinados assuntos, tal como o tema da Inconfidência Mineira, apresentada, muitas vezes, ao lado do painel Tiradentes de Cândido Portinari, no qual o corpo esquartejado de Tiradentes habita as entranhas de inúmeros estudantes do ensino fundamental. E raras vezes esses alunos têm a oportunidade de se lançar à afecção, de confrontar a imagem e a sensação que se propaga na relação com violência ali estampada. Talvez, se a relação com a imagem fosse trabalhada no sentido da afecção, a sensibilidade para com a violência da pintura não pudesse ser suportada, dada a percepção da escola em relação a

ideia de censura a toda violência explícita. Relegada ao papel secundário sobre o assunto, a obra de Portinari passa a ser suportável, palatável e digesta para textos que tratam de um passado distante para a maioria dos alunos. Desta forma evita-se a afecção com a imagem, busca-se a representação, a narrativa como um dado de realidade. A representação é o caminho mais confortável para a violência, tal como um processo analítico, no qual dizer sobre o assunto alivia o peso do mesmo.

Apesar de suas potencialidades engessadas, o painel Tiradentes, mesmo assim, transita, mergulhado em sensações de horror, paixão, calafrios, vertigem, nojo. Entre alunos e entre professores. Ele habita a memória e a sensibilidade, habita a criação de imaginários e se funde em pesadelos e sonhos de vidas possíveis, catastróficas, cotidianas. As imagens se misturam no caldo da vida. São produções de fluxos criativos, que se fazem e desfazem ao sabor de afetos e narrativas.

Este caminho das imagens como afecção é difícil e tortuoso. A escola, ou a maioria delas, em seu engessamento em currículos fechados, conteúdos programáticos, teria dificuldade no trato com uma potência em fluxo, que pode escapar, a qualquer momento, dos objetivos prévios. Porém, mesmo com essas ressalvas, penso ser possível inserir, mesmo que dentro da grade curricular, elementos de um processo criativo, onde o aluno se torne criador de imagens, pela ação da arte e do pensamento.

### **Referências:**

- DELEUZE, Gilles, A Lógica da Sensação. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2002
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Trad. de Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

**Sobre o autor:** Formado em Educação Física, pela Unicamp, Mestre em Educação, também pela Unicamp, é professor de Educação Física e de Projetos Multidisciplinares, com foco na produção de audiovisual, na Escola Curumim de Campinas. Realiza as pesquisas no Grupo Olho, da Faculdade de Educação da Unicamp.

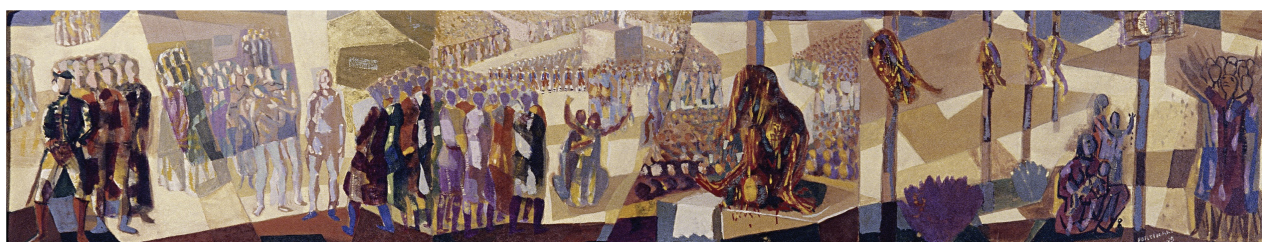
### Imagens



Fragmento 1 – Direita do Painel



Fragmento 2 – Centro do Painel



Painel Tiradentes, de Cândido Portinari, 1949